

## SAÚDE E IMPRENSA - O PÚBLICO QUE SE DANE!

*Boanerges Lopes & Josias J. Nascimento\**

**Resumo:**

O objetivo deste trabalho é revelar à opinião pública os preconceitos tabus e desinformações que tanto têm proporcionado uma relação conflituosa entre a imprensa e a saúde, onde cada vez mais é necessário conhecer os dois lados. Saúde & Imprensa busca uma auto-crítica pública do longo caminho a ser percorrido na mediação da relação entre profissionais de comunicação e de saúde.

Os meios de comunicação representam normalmente numa democracia a livre manifestação das idéias de vários segmentos da sociedade. Com o advento das novas tecnologias e a retomada do processo de democratização no Brasil, tanto indivíduos quanto organizações têm procurado mobilizá-los em defesa de determinados pontos de vista, acompanhando a própria necessidade dos cidadãos de obterem cada vez mais informações transparentes, precisas e contextualizadas. Só que jornais, revistas, emissoras de rádio e tevê, nos últimos 50 anos, passaram a constituir estruturas organizacionais peculiares - cercadas de uma complexidade operacional - que necessitavam de um conhecimento adequado para a sua utilização plena. E as empresas e instituições ampliaram suas áreas de atuação, multiplicando setores e absorvendo um número maior de recursos humanos. Criando com isso, fluxos diversos de informações para atender as necessidades básicas dos usuários que foram sendo conquistados gradativamente através do oferecimento de seus respectivos produtos ou serviços. Diante dessa nova realidade, empresários, políticos, administradores e gerentes começaram a se preocupar cada vez mais com o processo de comunicação, ou seja, não bastava a simples disponibilidade de informações. Havia necessidade de organizá-las para o pleno desenvolvimento institucional.

Os serviços de saúde, dos anos 80 para cá, sofreram transformações significativas, acompanhando o processo contínuo de evolução da sociedade brasileira e com isso ganharam uma dinâmica muito peculiar de funcionamento, visando atender um leque cada vez mais aberto de segmentos delimitados pela própria alteração do contexto, muito mais urbano com migrações continuadas para as grandes capitais, ocasionando uma demanda excessiva que não foi acompanhada em termos de estruturação básica, muito menos de informações necessárias para a sua melhor utilização. Isto despertou uma observação crítica mais atenta, pois estes serviços possuem características próprias que normalmente os diferenciam de outras organizações: atendem necessidades múltiplas - com dimensões

---

\* Boanerges Lopes- Mestrando da UMESP e professor da UGF -RJ  
Josias Nascimento - Professor da SOBEU - RJ

bio-físicas e psico-sociais - cuja definição varia conforme a classe social e conceitos de saúde, doença e morte da clientela - homens, mulheres, crianças e idosos - e do tipo de problema - agudo, crônico, etc. Os usuários nem sempre têm informações para avaliar e definir suas necessidades e as maneiras mais adequadas de atendê-las. Os resultados também são de difícil medição, sobretudo nos casos mais complexos -psicossomáticos e crônicos. Além disso, a organização dos serviços têm uma dimensão ética e moral bem própria com situações delicadas , por exemplo em relação a biomédica, envolvendo sigilo, direito do usuário à informação e mais uma ampla estrutura administrativa e alocação de recursos atípica.

A evolução da área de saúde foi sendo acompanhada nas duas últimas décadas de manifestações cada vez mais organizadas das categorias que se inserem em suas atividades básicas. Consequentemente, as notícias relacionadas à área de saúde passaram a ocupar cada vez mais espaço nos jornais, rádios e televisões, trazendo à tona discussões entre a imprensa e a comunidade médica sobre questões como ética e privacidade, seriedade e sensacionalismo. Geralmente discriminatórias e preconceituosas, quando não tendenciosas e conseqüentemente desinformativas, as coberturas estabelecidas pelos meios de comunicação demonstram que existem dificuldades no relacionamento entre as denominadas fontes jornalísticas (médicos e demais profissionais de saúde) e repórteres, refletindo-se sobremaneira na apresentação das informações para a opinião pública. As matérias divulgadas / veiculadas sobre o setor saúde frequentemente são relegadas ao que podemos denominar de segundo plano - distribuídas pelas editorias de cidade e polícia - caracterizadas principalmente pelo denunciamento e pela apresentação desordenada das informações, resultando como produto final para o leitor, ouvinte ou telespectador em notícias que ao invés de aproximá-lo da realidade, instigando a sua percepção e sensibilizando-o a interferir ou ao menos participar diretamente do processo de transformação social em busca de melhorias para o setor saúde, criam situações de banalização ou de distanciamento do seu cotidiano, através de situações alarmistas e descontextualizadas que pouco contribuem para reverter o quadro. Geralmente provocam reações múltiplas: da estagnação ao pânico, muitas vezes iniciando uma cadeia de agressividade sem precedentes. Algumas matérias demonstram preconceito ou reforçam determinados mitos. Os exemplos vêm logo através dos títulos: "Catástrofe do SUS no Rio", "Meningite Aumenta" e "Até os deuses erram". E a listagem é interminável. Basta passar os olhos em jornais ou revistas em qualquer semana: são principalmente manchetes e legendas que ao invés de facilitarem o entendimento do que acontece no setor acabam afastando qualquer possibilidade de contribuição dos cidadãos.

Dois fatos ajudam a ilustrar o que acontece hoje e servem de exemplos, entre tantos outros: as notícias divulgadas recentemente sobre o surto de cólera em algumas regiões do

país abalaram a indústria do turismo provocando demissão em massa dos profissionais da área, devido ao tratamento inadequado das informações . E os retratos que os meios de comunicação apresentam sobre os pacientes internos em hospitais psiquiátricos em geral são extremamente negativos , não contribuindo em nada para a modificação do quadro. De pouco adianta um levantamento superficial e alarmista. É preciso contextualizar , mostrando as causas e efeitos, apontando responsáveis e fornecendo informações que provoquem reações imediatas, legais e estruturais.

Despreparo dos representantes de ambos os lados, legislação inadequada e a péssima utilização dos recursos por parte das organizações que representam principalmente a área de saúde são supostamente alguns dos indicadores que provocam o acúmulo de equívocos que normalmente observamos nas relações conflituosas entre os dois lados. E o que o comunicador em saúde vem fazendo para tentar reverter a situação? qual é a identidade que define a postura deste profissional no mundo contemporâneo? num momento em que novos fluxos de comunicação se proliferam nas organizações através de conceitos emergentes de responsabilidade coletiva, flexibilidade, melhoria continuada e democratização das informações, de que forma ele administra o potencial de ferramentas disponíveis ligadas as novas tecnologias sem desperdiçá-lo e ao mesmo tempo provocando reações positivas dos segmentos da sociedade que buscam os serviços de saúde, proporcionando principalmente realizações concretas e transformadoras?

O presente trabalho tem o intuito de contribuir para a reversão do atual quadro, apresentando não só idéias mas também propostas concretas que se bem observadas poderão transformar-se em ações transformadoras. A Imprensa e o setor Saúde tem o papel fundamental de mobilizar a opinião pública a responsabilidade conjunta de apontar os caminhos mais corretos e para isso devem cercar-se de procedimentos éticos e esclarecedores, buscando cada vez mais uma proximidade com o sentido pleno de cidadania. Pois como diz o educador Paulo Freire, "ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho, os homens se libertam em comunhão".

Entre as muitas dúvidas sabemos que quem acaba no meio do fogo cruzado dos conflitos entre jornalistas e profissionais de saúde é justamente o assessor de comunicação social - mediador da "pós-modernidade". Quando chamado a intervir, defronta-se normalmente com uma situação já definida - geralmente de crise - e com determinações prontas: precisamos é de uma campanha, temos que responder a Imprensa desta ou daquela forma ou vamos organizar um evento é o que ouvimos com tanta frequência. É uma situação imposta que normalmente limita-se a ações técnicas, tópicas e localizadas. O que normalmente denominamos como "apagar incêndios". Acreditar que tanto profissionais de Imprensa quanto de Saúde poderiam entender detalhadamente toda a complexidade que envolve o sistema organizacional das instituições e empresas de saúde é também estimular

uma É falsa expectativa, pois .quanto mais nos aprofundamos nos assuntos que envolvem a área de saúde , as crises se sucedem : financiamentos, regulamentações das políticas, organização de modelos e muitos outros problemas. Mas é neste contexto que a comunicação cada vez mais tem uma enorme contribuição a dar. Sua absorção pelas políticas públicas é uma necessidade premente. E sua concepção deve trilhar por outros caminhos, com certeza bem mais abrangentes. Por exemplo: definir o espaço de atuação do comunicador da área de saúde somente pelos contatos com a grande Imprensa em casos determinados ou com a dinâmica rotineira de produção de clippings e outros instrumentos utilizados dentro de um setor de assessoria de comunicação, é deixar de entender o seu verdadeiro papel e limitar o seu potencial. Ele deve funcionar permanentemente "antenido" com a opinião pública - através dos meios de comunicação ou diretamente - e "garimpando" idéias no contato com os técnicos estão entre as suas ações mais imediatas. Sempre em constante mão dupla identificando os anseios da população com informações objetivas, precisas e claras e proporcionando cada vez mais a multiplicidade de canais para levar mensagens adequadas e possibilitar que toda a complexidade que absorve a área de saúde seja progressivamente desnudada pelos cidadãos é uma outra prioridade. E no sentido inverso, apresentar os meandros que cercam jornais, revistas, rádios e tevês para os profissionais de saúde, no caso a clientela interna.

Buscamos também alguns alguns referenciais históricos e depoimentos que puderam ilustrar o presente trabalho e alçá-lo a uma dimensão mais abrangente

A mentira como forma de segredo já era preocupação de Platão lá pela Antiguidade em seus ensinamentos na "pólis", quando acreditava que ela deveria ser monopólio dos guardiães daquela cidade ideal para utilizá-la em defesa de causas nobres. Avançando um pouco no tempo chegamos a Nietzsche, outro filósofo que abordou as questões das verdades e mentiras e conseqüentemente dos segredos em praticamente toda a sua obra. Exemplo clássico está registrado em "*Sobre a verdade e a mentira no sentido extramoral*" quando indaga numa de suas reflexões: o que é verdade portanto? Hobbes em seu *Leviatã* enfatizou que é possível em determinadas circunstâncias, principalmente ao pensarmos a política em termos de meios e fins, tomar partido do segredo e até mesmo da mentira. Outros pensadores como Spinoza, Kant e Marx também deixaram registros através de seus textos sobre a questão do segredo. Claude Lefort trouxe a discussão sobre o assunto para o mundo contemporâneo ao tratar da linguagem especializada que funciona carregada de códigos e eleva barreiras de segredo com vistas à preservação ou aquisição de poder. Poder centrado na suposta "competência" e no privilégio do acesso às informações, definindo "saberes específicos". Elias Canetti em sua obra *Massa e poder* situou o tema na realidade brasileira caracterizando as relações que acontecem nas organizações com a predominância de segredos concentrados de um lado apenas e numa única mão e que acabam

necessariamente sendo fatais para as partes envolvidas. João Almino, em *O Segredo e a Informação* desnuda um pouco mais o tema ao afirmar que na pesquisa científica desenvolvida nas empresas e instituições dentro do contexto nacional ainda se impõe o segredo na maioria dos casos, o que impede um controle mais efetivo por parte da sociedade sobre seus dirigentes. O segredo permite que uns poucos possam ser detentores de um "saber" - o dos segredos políticos e empresariais - criando-se desta forma uma realidade escondida e outra aparente, onde tendo acesso apenas a esta última, a sociedade é mantida na ignorância dos processos decisórios que lhe dizem diretamente respeito. Profissionais de imprensa e saúde envolveram-se em assunto tão polêmico, destacando o ineditismo na abordagem do tema nestas áreas, tendo pelo lado dos meios de comunicação, os jornalistas como elos fundamentais, como diz Almino, não só na transmissão do saber informacional ou da imagem do poder, mas também na consolidação das relações de poder ou na desmitificação do próprio poder. Sua função básica é a de neutralizar ou desmontar poderes alheios através do desmascaramento da mentira e da revelação do segredo. E através dos profissionais de saúde, uma parcela representativa do "saber científico concentrado", aquele que ainda tem dificuldade de ser revelado à denominada opinião pública. Inúmeros "projetos secretos" ainda continuam sob guarda de diversos especialistas em suas gavetas nas instituições e empresas de saúde do país. Preconceitos, tabus e desinformações têm proporcionado uma relação conflituosa entre estas duas parcelas expressivas da sociedade nos últimos anos.

Coletamos para consolidar o presente trabalho depoimentos de profissionais de saúde das mais diversas especialidades. A experiência de Hésio Cordeiro no trato sobre as políticas implementadas para a área de saúde nos últimos anos está retratada em "Saúde e Poder Público - Uma Nova Página na Imprensa". Uma visão lúcida mostrando os caminhos para uma gestão democrática e uma relação mais transparente entre os jornalistas e profissionais de saúde.

Das reflexões do microbiologista Alexandre Adler em "O Verbo e o Segredo - Duas realidades opostas só na aparência" tiramos lições de respeito à vida e de valorização ao aprendizado tanto nos bancos acadêmicos quanto nas próprias experiências do dia a dia de jornalistas e médicos. A ética como mola mestra para toda uma engrenagem vivencial. De Lauro Monteiro Filho brota a sensibilidade no trato com questões relativas às crianças e adolescentes. Determinadas situações que ele próprio teve oportunidade de acompanhar durante a sua vida profissional envolvem preconceitos dos próprios profissionais de saúde e excessos cometidos por alguns jornalistas em suas coberturas. "Em Imprensa e Saúde - é possível uma convivência harmoniosa e saudável?", um retrato em preto e branco da realidade dos hospitais e das agruras do ser humano. Carlos Scherr dá uma receita infalível para os que ainda não acordaram para um novo momento da relação entre os dois setores:

"É preciso conhecer mais o outro lado". O título de seu texto por si só resume o conteúdo de suas idéias. O amadurecimento da convivência entre jornalistas e profissionais de saúde se dá a partir do momento em que exista o interesse de se conhecer um pouco mais a realidade de vida de cada um. Christian Gauderer reafirma a sua luta dos últimos anos em prol dos direitos do paciente. Uma nova relação alicerçada em informações transparentes e honestas devem gerir qualquer prática médica, proporcionando aos cidadãos que recorrem ao sistema de saúde as decisões próprias sobre questões relativas a vida e a morte. Seu texto "Informação é a Base da Decisão, do Julgamento e da Ponderação" é enfático ao alertar aos cidadãos de um modo geral sobre os avanços das questões legais hoje inseridas no novo Código de Ética Médica e na Constituição. As práticas diferenciadas da Medicina, tanto oficial quanto tradicional e como a Imprensa têm levado para a opinião pública essa "redescoberta" da homeopatia, acupuntura, fitoterapia e muitas outras formas de tratamento são algumas das questões abordadas por Ronaldo Azem em "Imprensa Oficial ou Medicina Tradicional? eis a questão".

Um relato dramático de quem vivencia há alguns anos os bastidores dos hospitais e das administrações públicas na área de saúde faz parte do relato da repórter Elaine Rodrigues. Em "O Rei Está Nú. Cadê o Rei?" ela diz que pôde conviver, por ironia do destino, com os dois lados da moeda - enquanto profissional e paciente - e mostra o quanto custa tentar ser um cidadão digno em busca de seus direitos e também conseguir um pouco de respeito e sensibilidade em situações adversas que enfrentamos em determinados momentos da vida.

O cotidiano da estrutura de uma instituição científica e suas dificuldades e também seus projetos em busca de uma relação mais próxima e aberta com as comunidades organizadas está em "Perguntar não Ofende. O Cientista agradece", de Ana Maria Meirelles Palma e Thereza Christina de Aguiar Tavares. O papel do mediador - assessor de comunicação social - na busca incessante pela clareza, precisão e objetividade das informações e pela desmitificação da figura do cientista e da simplificação do linguajar acadêmico são assuntos tratados com muita pertinência por quem vem desenvolvendo já há alguns anos um trabalho reconhecido em todo o Brasil.

Quantas vezes ouvimos falar que uma imagem vale mais do que mil palavras. Alberto Jacob Filho reconhece, mas lembra que até se obter uma foto que realmente registre com precisão a realidade é preciso uma trajetória muitas vezes árdua e conflitante. Assim, a responsabilidade e a sensibilidade comandam o eixo da análise em "Tudo depende de quem aperta o Botão", um verdadeiro passeio pela história da fotografia no Brasil e no mundo e principalmente uma visão focada no papel do repórter-fotográfico ao registrar na área de saúde algumas das cenas mais chocantes e dolorosas do cotidiano brasileiro.

As infrutíferas campanhas realizadas pelo poder público e pela iniciativa privada para capitalizar as atenções da população brasileira foram analisadas por Fernando Pereira. No texto "O Bráulio e o fiasco da Comunicação na área de Saúde " o autor busca também apoio nas reflexões de alguns pensadores contemporâneos para entendermos um pouco mais sobre o funcionamento do "imaginário coletivo" em situações utilizadas pelos meios de comunicação.

A valorização do processo investigativo, um tanto abandonado no Jornalismo brasileiro, aliada a uma postura crítica aguçada pela vivência há anos em coberturas ligadas aos aspectos sociais nos principais jornais brasileiros dão a Israel Tabak todas as credenciais para uma análise profunda da situação precária da saúde pública no Brasil. O texto "Saúde, Poder e Imprensa", situa o leitor historicamente e dá subsídios através da contextualização sobre o quadro geral dos setores no país para que possa interpretá-los adequadamente. O avanço da medicina privada e a postura do comunicador nesta área foram temas tratados por Therezinha Santos em "Relação com a Mídia quer "feeling" e informação transparente".

Os novos rumos que os profissionais de saúde precisam buscar para reverter um processo de desgaste retratado pelos meios de comunicação a partir de denúncias de integrantes das próprias categorias ligadas à área de saúde é o que nos mostra Wilson da Costa Bueno em "A Classe Médica vai para a UTI: o raio X de uma imagem desgastada" no início da terceira parte do livro. Determinadas experiências inovadoras tanto na área acadêmica quanto no campo profissional são apresentadas pelo autor como alternativas que poderão colaborar para a construção de um novo momento da comunicação no setor.

A visão preconceituosa que a mídia sustenta até os dias de hoje sobre as dificuldades e os anseios das mulheres em suas relações com a área de saúde é o tema central de "Nosso Corpo nos Pertence", de Carmem Pereira e Sonia Fassini. As autoras demonstram que a mulher ainda pouco conhece os benefícios a que tem direito, a partir da realidade do PAISM - Programa de Atenção Integral à Saúde da Mulher. E destacam a importância delas assumirem os papéis de porta-vozes de suas ações e vontades, pois até então os pronunciamentos sobre estes assuntos estavam entregues à Igreja e aos médicos.

Uma pesquisa realizada junto a profissionais de Imprensa e Saúde em Pernambuco, denominada "Jornalistas e Cientistas: os entraves de um diálogo" e que se transformou no texto de autoria de Fabiane Gonçalves Cavalcanti é um excelente trabalho acadêmico realizado junto a fontes credenciadas naquele estado e que apontam de uma maneira bem clara as principais dificuldades que envolvem a relação entre os dois lados. É um registro claro e direto de opiniões que servem de exemplos para profissionais dos mais diversos cantos do país que estão em busca de transformações e amadurecimento visando a construção de uma nova realidade para as respectivas áreas.

Em "Um Longo caminho a percorrer", Alexandre Castro nos fala do comportamento dos profissionais de Imprensa na cobertura de fatos ligados à saúde. Ele diz que é o momento de se realizar uma auto-crítica pública, coerente com o próprio sentido da Comunicação Social.



As reflexões aglutinadas neste trabalho servem como pontapé inicial para um futuro acervo de referências destinado a melhorar as práticas sociais de comunicação e também contribuir de uma forma eficaz para educar a população brasileira sobre os temas de saúde pública, tão dispersos nas páginas perdidas de nossos grandes jornais. Para o médico José Assad essa experiência significa uma ousadia abençoada, e utilizando-se do pensamento de Mao Tse Tung define de forma brilhante a proposta do presente trabalho: " os que caminham na frente correm o risco de pisar nos espinhos, mas são também os primeiros a contemplarem a beleza da revoada dos pássaros". Assad finaliza dizendo que não tem dúvida de que ambos os setores começaram a contemplar esta bela revoada.